



SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

Joseph Ratzinger: um eminente teólogo da atualidade

Joseph Ratzinger: an eminent theologian of today

Joseph Ratzinger: un eminente teólogo de la actualidad

Heber Ramos Bertuci¹

orcid.org/0000-0002-5407-1539
heber-rb@outlook.com

Recebido em: 22/03/2022.

Aprovado em: 11/07/2022.

Publicado em: 06/09/2022.

Resumo: A grandeza intelectual de Ratzinger ultrapassa as barreiras confessionais. Ratzinger é um desses homens de saúde frágil que vivem muitos anos. Pelo que se nota, ele retira força e motivo para viver de sua fé. Neste artigo, no primeiro capítulo, o autor faz uma síntese sobre a carreira eclesial e acadêmica de Joseph Ratzinger; no segundo capítulo, aborda sobre Ratzinger e o Concílio Vaticano II (1962–1965), no qual o teólogo alemão foi nomeado, por Paulo VI (1897–1978), teólogo oficial ou *peritus*; no terceiro capítulo, explica-se uma síntese de Ratzinger como teólogo antes do Papado; no quarto capítulo, uma síntese de Ratzinger como teólogo depois do Papado. Por fim, no quinto capítulo, são citados alguns temas de interesse da pesquisa de Ratzinger. Nestas reflexões, chama a atenção o estilo da comunicação de Ratzinger: é um escritor erudito, que fala diretamente com os seus leitores, descendo ao “nível” de cada um e respondendo as suas dúvidas. Quem lê os textos de Ratzinger, em seus mais de cinquenta anos como escritor, percebe que ele permaneceu o mesmo – um homem acessível que manteve-se no caminho da fé e na direção do próximo.

Palavras-chave: Joseph Ratzinger. Teólogo. Concílio Vaticano II.

Abstract: Ratzinger's intellectual greatness runs through confessional barriers. Ratzinger is one of those men, in frail health, who live many years. As it might be seen, he draws strength and reason to live from his faith. In the first chapter of this article, the author summarizes the ecclesiastical and academic career of Joseph Ratzinger; in the second one, it deals with Ratzinger and the Vatican II Council (1962–1965), where the German theologian was named, by Paul VI (1897–1978), official theologian or *peritus*; in the third chapter, a synthesis of Ratzinger as a theologian before the Papacy is explained; next, in the fourth chapter, he presents a synthesis of Ratzinger as a theologian after the Papacy. Finally, in the fifth chapter, some topics of interest in Ratzinger's research are mentioned. In these reflections, Ratzinger's style of communication stands out: he is an erudite writer, who speaks directly to his readers, coming down to the “level” of each one and answering their doubts. Anyone who reads Ratzinger's texts, in his more than fifty years as a writer, realizes that he remained the same – an approachable man who kept himself on the path of faith and in the direction of others.

Keywords: Joseph Ratzinger. Theologian. Vatican Council II.

Resumen: La grandiosidad intelectual de Ratzinger sobrepasa las barreras confesionales. Ratzinger es uno de esos hombres de salud frágil que vive muchos años. Por lo que se nota, él saca fuerzas y razón para vivir de su fe. En este artículo, en el primer capítulo, el autor hace una síntesis de la carrera eclesial y académica de Joseph Ratzinger; en el segundo capítulo, habla a cerca de Ratzinger y el Concilio Vaticano II (1962–1965), en lo cual el teólogo alemán fue nombrado, por Pablo VI (1897–1978), teólogo oficial o *peritus*; en el tercer capítulo, se explica una síntesis de Ratzinger como teólogo antes del Papado; en el cuarto capítulo, una síntesis de Ratzinger como teólogo después del Papado. Por fin, en el quinto capítulo, son mencionados algunos temas de interés de la investigación de Ratzinger. En estas reflexiones, llama la atención el estilo de comunicación de Ratzinger: es un escritor erudito, que habla directamente con sus lectores, bajando al “nível” de cada uno y contestando sus dudas. Los que leen sus textos, en sus más de cincuenta años como escritor, se dan cuenta que él permaneció



¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

igual – un hombre accesible que se mantuvo en el camino de la fe y en la dirección del prójimo.

Palabras clave: Joseph Ratzinger. Teólogo. Concílio Vaticano II.

Introdução

Um presbiteriano escrevendo sobre o teólogo alemão Joseph Ratzinger (1927–). Este fato é possível não apenas pelo respeito com que se deve à temas teológicos, mas também pela grandeza intelectual de Ratzinger que ultrapassa as barreiras confessionais. O autor deste artigo se aprofundou no pensamento de Ratzinger há três anos; são leituras proveitosas que ensinam sobre a essência da religião cristã e sua aplicação na cultura de hoje. Em 2003, quando o Papa João Paulo II (1920–2005) pediu ao Cardeal Ratzinger que presidisse uma Comissão Especial para elaborar um *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica* (RATZINGER, 2016, p. 167),² ao ser perguntado sobre os critérios gerais para sua compilação, isto é, se a estrutura seria de perguntas e respostas, Ratzinger respondeu: "...] não ouseu bancar o profeta [...] (RATZINGER, 2016, p. 169). Meses depois, a partir de setembro de 2003, ao ser perguntado sobre a saúde do Papa João Paulo I (1912–1978), quando Ratzinger o havia encontrado no conclave de 1978, se parecia que aquele iria falecer em tão pouco tempo, Ratzinger respondeu:

Certamente não aparentava ser um homem de grande saúde. Mas há muitos que parecem frágeis e vivem cem anos [...] Não sou médico, mas parecia ser um homem que, como eu, não deveria ter uma saúde muito forte. Mas essas pessoas acabam sendo as que normalmente têm uma expectativa de vida (2016, v. III, p. 182).

Unir esses dois textos e aplicá-los à vida de Ratzinger é interessante. Ele afirmou que não ousava bancar o profeta, embora tenha declarado que há muitos que parecem frágeis e vivem cem anos. Ratzinger é um desses homens de saúde frágil que vivem muitos anos. O próprio Ratzinger ainda não chegou aos cem anos, está a caminho. Ele, pelo que se nota, retira força e

motivo para viver de sua fé. O objetivo deste artigo é apresentar uma síntese da teologia de Ratzinger. A questão central a ser observada é se Ratzinger, teólogo antes do papado, continua com este perfil após ter sido eleito Papa. Pastor ou Teólogo? Qual a postura do Papa Ratzinger? Com esta problemática em mente, na primeira seção, é feito um resumo sobre a carreira eclesial e acadêmica de Ratzinger; na segunda seção, aborda-se sobre Ratzinger e o Concílio Vaticano II (1962–1965), no qual o teólogo alemão foi nomeado, por Paulo VI (1897–1978), teólogo oficial ou *peritus*; na terceira seção, explica-se uma síntese de Ratzinger como teólogo antes do Papado; na quarta seção, uma síntese de Ratzinger como teólogo depois do Papado. Por fim, na quinta seção, são citados alguns temas de interesse da pesquisa de Ratzinger.

1 A Carreira Eclesiástica e Acadêmica de Joseph Ratzinger: uma síntese

O teólogo católico alemão Joseph Ratzinger (1927–) é um dos mais prolíficos teólogos da sua geração (ROWLAND, 2013, p. 21), sendo, com certeza, um dos autores mais conhecidos e discutidos do século XX (CASALE apud BLANCO SARTO, 2011, p. 7), um daqueles que ficarão para a história, e cuja leitura necessariamente nos faz pensar (RAMOS CENTENO, 2016, p. XVII). A carreira de Ratzinger pode ser, desta forma, resumida:

a) em 6 de novembro de 1992, ele foi nomeado membro associado da prestigiosa Academia Francesa, na seção de Ciências Morais e Políticas. A teóloga australiana Tracey Rowland, sobre este fato, escreveu:

Esta honra, conferida por uma instituição completamente secular, sediada na capital de um país reconhecido por manter Deus fora do âmbito público pelo menos desde 1789, indica de alguma forma a elevada reputação de Ratzinger no mundo da literatura europeia (ROWLAND, 2013, p. 21);

b) Ratzinger teve cargos na Universidade de Bonn (1959–1963), na Universidade de Münster (1963–1966), na Universidade de Tübinga (1966–

² Nota do organizador.

1969) e na Universidade de Ratisbona (1969–1977) (ROWLAND, 2013, p. 21);

c) em 1977 foi consagrado Bispo e nomeado Cardeal pelo Papa Paulo VI (ROWLAND, 2013, p. 21). Sua nova diocese tinha um passado ilustre e um presente importante, como o é Munique da Baviera. Porém, o sacerdote colocado de surpresa naquela Sede Episcopal já era um dos mais famosos intelectuais católicos, com o nome assegurado em qualquer história da teologia contemporânea (MESSORI, 1985, p. 7);

d) foi designado Prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé por João Paulo II, em 1981, cargo considerado o segundo mais importante dentro da Igreja Católica, após a Sede Pontifícia, ou aquele de maior significado dentre os nove líderes de Congregações (ROWLAND, 2013, p. 21). A Congregação para a Doutrina da Fé trata-se da instituição vaticana que durante quatro séculos foi denominada de "Inquisição Romana e Universal" ou "Santo Ofício" (MESSORI, 1985, p. 1). Ela é o instrumento através do qual a Santa Sé proporciona o aprofundamento da fé e vela pela sua integridade, sendo a guarda defensora da ortodoxia católica. Não é por acaso que se esta Congregação se encontra em primeiro lugar na lista oficial das congregações da Cúria Romana (MESSORI, 1985, p. 2). É importante afirmar que, com a escolha de Ratzinger para esta Congregação, João Paulo II desejou fazer uma escolha de prestígio (MESSORI, 1985, p. 7);

e) Ratzinger esteve presente no Concílio Vaticano II: com pouco mais de trinta anos de idade, ele participou do Vaticano II (1962–1965) como assessor ou *peritus* do Cardeal de Colônia, Joseph Frings (1887–1978) (ROWLAND, 2013, p. 21).

2 Ratzinger e o Concílio Vaticano II (1962–1965)

O dominicano Yves-Marie Congar (1904–1995), no seu *Journal du Concile*, colocou em destaque o fulcral papel que os teólogos desempenharam durante o Concílio Vaticano II, realizando seu trabalho em colaboração e em equipes de reflexão, em harmonia com grupos de bispos. Congar demonstra, com este argumento, um

contraste com o concílio anterior, já que no Vaticano I estiveram ausentes grandes personagens (MADRIGAL TERRAZAS, 2006, p. 128). Em 1990 (RATZINGER, 2009, p. 14), Ratzinger, em um documento da Congregação para a Doutrina da Fé, abordou sobre a vocação do teólogo na Igreja, iniciando com as seguintes palavras:

A importância do teólogo e da teologia para toda a comunidade dos crentes passou a ser visível de uma maneira nova no Concílio Vaticano II. Antes a teologia era vista como ocupação de um pequeno círculo de clérigos, como um assunto elitista e abstrato, que quase não conseguia despertar nenhum interesse para a opinião pública na Igreja (RATZINGER, 2008, p. 87).

No Concílio Vaticano II, o título de *peritus* era bem significativo, não importando se fosse concedido pelo Papa a um teólogo antes ou depois do Concílio. Um desses peritos foi o teólogo suíço Hans Küng (1928 – 2021): ele havia participado ativamente do Concílio como perito e, a princípio, tinha-se ocupado da eclesiologia. Porém, as suas indagações sobre a natureza da Igreja denotavam certas nuances com os ensinamentos do Magistério (BLANCO SARTO, 2005, p. 73-74). Outro teólogo de destaque na época do Concílio Vaticano II foi o suíço Hans Urs von Balthasar (1905–1988). Contudo, diferente do que aconteceu com vários dos grandes nomes da teologia católica do século XX, von Balthasar não foi escolhido para ser *peritus* no Concílio Vaticano II (ROWLAND, 2013, p. 46). Porém, em 1974, uma obra que abordou sobre o Ofício Petrino – um tipo de apologia resumida contra o pensamento antipapal de Küng – fez com que Aidan Nichols (1948–), um acadêmico e sacerdote inglês, o considerasse o livro mais profundo, sob o ponto de vista teológico, já escrito sobre o papado (ROWLAND, 2013, p. 46), e o cardeal francês Henri-Marie de Lubac (1896–1991) considerasse von Balthasar o homem mais culto do seu tempo (ROWLAND, 2013, p. 46). Nos períodos pós-conciliares, Ratzinger e von Balthasar mantiveram contato, conforme registrado nas palavras de Ratzinger: "naqueles dias, tinha enviado a Hans Urs von Balthasar um breve trabalho e ele, como sempre, agradeceu-

-me em seguida com uma carta" (RATZINGER apud BLANCO SARTO, 2005, p. 57). De Lubac, autor muito querido a Bento XVI (VIGINI, 2012, p. 107), também teve suas dificuldades, vivendo no esquecimento por quase uma década. Depois, em 1960, ele foi nomeado por João XXIII para as comissões preparatórias que organizavam o Vaticano II. Alhures, Paulo VI designou-o como consultor teológico do Concílio, e o convidou para concelebrar a Missa na data da adoção solene do texto conciliar *Dei verbum* (ROWLAND, 2013, p. 45). Estes fatos ensinam que tudo tem o seu tempo: alguns dos mais insignes teólogos do século XX tiveram de esperar muito tempo antes que seu trabalho fosse reconhecido e aceito pelo Magistério Pastoral da Igreja Católica. Henri de Lubac, Yves Congar e John Courtney Murray (1904-1967) foram obrigados a interromper suas publicações sobre temas teologicamente importantes nos anos 50. Contudo, depois, no Concílio Vaticano II, viram suas posições acolhidas e finalmente acrescentadas aos documentos do ensinamento eclesial autorizado para o mundo católico. O serviço desses teólogos é exemplar para a comunidade crente – um serviço prestado à custa de grande sofrimento pessoal (WICKS, 1999, p. 121).

Com as declarações acima, percebe-se que Ratzinger esteve, no contexto do Vaticano II, cercado por teólogos que tinham seu nome reconhecido ou o teriam depois, durante a vida teológica. No Concílio, Ratzinger foi muito consultado, como um "astro teológico em ascensão" (DULLES, 2007, p. 189). A indicação de Ratzinger como *peritus* e seu desempenho nesta responsabilidade, conquistou o afeto e a solidariedade dos que apontavam a histórica assembleia como uma ocasião única para adaptar aos tempos a práxis e a pastoral da Igreja (MESSORI, 1985, p. 8).

A participação de Ratzinger no Concílio Vaticano II foi provocada pela profunda amizade que desde muito cedo lhe dispensou o arcebispo de Colônia (MADRIGAL TERRAZAS, 2006, p. 129). Ratzinger, sobre sua amizade com o Cardeal Frings,

em 1997, declarou: "enquanto meu contato com o arcebispo de Munique, o cardeal Wendel, não fora totalmente sem percalços, houve logo entre mim e o pastor supremo de Colônia, o cardeal Frings, um entendimento sem complicações e até cordial" (RATZINGER, 2006, p. 97).

O cardeal Frings ouviu uma conferência minha sobre a teologia do Concílio, para a qual a academia católica de Bensberg me tinha convidado, e envolveu-me depois em uma longa conversa que se tornou o ponto de partida para uma colaboração que duraria anos" (RATZINGER, 2006, p. 97-98).

Finalmente a grande hora do Concílio tinha chegado. O cardeal Frings levou consigo para Roma seu secretário Luthe e a mim como seu consultor teológico; ele conseguiu também que eu, pelo fim do primeiro período de sessões, fosse nomeado teólogo oficial (*peritus*) do Concílio (RATZINGER, 2006, p. 98).

O Concílio Vaticano II marcou a carreira acadêmica de Ratzinger. Em várias das suas publicações, ele continuou a debater interpretações equivocadas que surgiram sobre o Concílio: ele divergia dos progressistas que desejavam ir além do concílio, e dos conservadores que queriam retroceder para antes do Concílio.

O único rumo viável, argumentava, seria interpretar o Vaticano II em estrita continuidade com os concílios anteriores, tais como o de Trento e o Vaticano I, já que os três são sustentados pela mesma autoridade: a do papa e do colégio dos bispos em comunhão com ele (DULLES, 2007, p. 192).

Em síntese, o que tinha Ratzinger a afirmar sobre o Concílio Vaticano II? Em 1988, ele declarou como observava a ideia de Concílio na Igreja:

[...] um Concílio é um grande desafio para a Igreja. Através dele, muitas coisas se põem em movimento e entram em crise. Às vezes um organismo precisa de uma operação, mas depois é preciso um tempo de regeneração e de cura normal. O mesmo vale para a Igreja e o Concílio (RATZINGER, 2016, v. III, p. 45).

Depois, no ano 2000, afirmou: "o Concílio Vaticano II se propôs a renovar o papel do cristianismo como motor da história" (RATZINGER, 2005, p. 8, tradução nossa).³

³ Do original: Il Concilio Vaticano secondo si era proposto di rinnovare il ruolo del cristianesimo come motore della storia.

3 O Teólogo Ratzinger: antes do Papado

Ratzinger é teólogo. Em 2003, atendendo ao pedido para comentar o fato de ser nomeado arcebispo de Munique – em 24 de março de 1977 –, e três meses depois ter sido criado cardeal, Ratzinger respondeu: “foi, para mim, uma grande surpresa. Não sei ainda explicar a mim mesmo tudo isso. O que sei, de qualquer forma, é que Paulo VI conhecia o meu trabalho como teólogo” (RATZINGER, 2016, v. III, p. 176). Às vezes, mesmo sendo Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, Ratzinger deixava claro quando expressava uma opinião como teólogo. Por exemplo, em 1994, ao fazer um balanço realista acerca da situação da fé (RATZINGER, 2016, v. III, p. 87),⁴ quando perguntado sobre sua fala de que os teólogos moderados estão muito ansiosos para mostrar que estão acompanhando os tempos, Ratzinger respondeu:

De fato, era um exame de consciência que fiz como teólogo e não como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. O meu ideal sempre foi a cientificidade estrita: método claro e documentação cuidadosa, e com isso a presença no debate científico. Continuo a considerar importantes esses elementos. Mas disso nasce uma outra tarefa, que é chegar à ‘sabedoria’ através da ‘ciência’, ou seja, passar do particular à visão geral e transmiti-la de modo compreensível além do muro das especializações. Se não damos esse passo, a especialização também perde o seu significado. Essa tarefa tornou-se mais importante hoje, porque são feitas vulgarizações superficiais (RATZINGER, 2016, v. III, p. 108).⁵

Portanto, de fato, Ratzinger é teólogo. Duas perguntas seguem esta afirmação: a) o que é a teologia para ele?; b) em qual período podemos afirmar que Ratzinger foi teólogo – somente antes do Ministério Petriano confiado a ele? Com relação à primeira, será iniciada a sua resposta com a análise do significado da natureza da teologia para Ratzinger. Em síntese, ele afirmou, em 1979 (RATZINGER, 1987, p. 398): “[...] a teologia tem a ver com Deus” (RATZINGER, 1987, p. 316, tradução nossa).⁶ Com esta convicção, em 1997, ele

declarou: “[...]Deus é a temática central de meus esforços” (RATZINGER, 1997, p. 54). Em 1984, ensinou que, ao lidar com o divino, a teologia trata-se da

[...] realização compreensiva da revelação de Deus; é a fé em busca de compreender. Por conseguinte, ela própria não encontra seus conteúdos, mas os obtém da revelação, para em seguida compreendê-los em sua ligação e em seu sentido interno” (RATZINGER, 2008, p. 16).

Neste contexto transcendente, ele declarou, em 1997: “[...] quando se estuda teologia, não se quer aprender um ofício, mas sim compreender a fé – o que pressupõe que a fé seja verdadeira” (RATZINGER, 1997, p. 49). Além de trabalhar para entender os assuntos da revelação divina, a teologia também labuta para que o ser humano entenda a si mesmo, ao seu próximo e à criação de Deus. Em 1997, Ratzinger declarou que o trabalho da teologia é dar “[...] acesso à verdadeira compreensão da própria vida, do mundo e das pessoas” (RATZINGER, 1997, p. 49). Este é o lado imanente da pesquisa teológica, mesmo que nele, também, encontre-se o elemento transcendente. Dessarte, neste campo, ainda em 1997, Ratzinger declarou:

[...] a leitura teológica, por si só, não torna uma pessoa automaticamente melhor. Contribui um pouco para isso, quando a pessoa não se limita apenas à teoria, mas através dela procura compreender-se melhor e compreender o Homem e o mundo no seu todo, adotando-a, em seguida, como forma de vida (RATZINGER, 1997, p. 11).

Neste mesmo texto, ele concluiu que

[...] a teologia é, em si mesma e em primeiro lugar, uma ocupação intelectual, sobretudo quando feita com rigor científico e de forma séria. Pode ter repercussões na atitude do ser humano, mas, enquanto tal, não torna necessariamente o Homem melhor” (RATZINGER, 1997, p. 11-12).

De acordo com o teólogo alemão, não foi seu propósito elaborar um pensamento original e

⁴ Nota do organizador.

⁵ Nota do organizador.

⁶ Do original: [...] Theology has to do with God.

próprio, conforme outros autores do século XX (BLANCO SARTO, 2011, p. 7). Em suas palavras, ditas em 1997, Ratzinger afirmou que nunca procurou

[...] construir um sistema próprio, uma teologia especial. O que é específico é que, por assim dizer, eu queria simplesmente pensar com a fé da Igreja, e isso significa, sobretudo, pensar com os grandes pensadores da fé. Não é uma teologia isolada, tirada de mim mesmo, mas sim uma teologia que se abre, tanto quanto possível, dentro do caminho comum do pensamento da fé (RATZINGER, 1997, p. 54).

Essas palavras indicam que a teologia de Ratzinger seria uma *com-teologia*, uma teologia em diálogo com a Igreja, a história e a própria realidade (BLANCO SARTO, 2011, p. 7). O teólogo alemão não é, de fato, um intelectual recluso em sua torre de marfim (BLANCO SARTO, 2011, p. 11): a sua teologia abrange todos os campos do conhecimento teológico. Pode-se afirmar que cada seção de uma biblioteca teológica tem algum livro dele (BLANCO SARTO, 2011, p. 11), pois em cinquenta anos de escrita, dificilmente há algum tema teológico sobre o qual ele não tenha explicado (CORKERY, 2009, p. 28). Isto faz com que o nome de Ratzinger seja ligado a uma visão geral original da teologia sistemática (MÜLLER, 2012, p. 5-6). O estudo sobre a importância da razão no cristianismo é amplamente debatido nos meios teológicos, mormente depois da publicação da encíclica *Fides et Ratio* (1998), de João Paulo II. Contudo, o assunto já ocupava a atenção de Ratzinger desde seus primeiros passos como teólogo, conforme se observa em seus artigos no início dos anos 60 do século passado (BLANCO SARTO, 2005, p. 16).

Com respeito a segunda indagação anterior – em qual período podemos afirmar que Ratzinger foi teólogo: somente antes do Ministério Petriano confiado a ele? –, uma resposta interessante é encontrada em Lieven Boeve (1966–), teólogo católico belga. Boeve afirma que na obra *O Leitor Ratzinger*, escrita em coautoria de Gerard Man-

nion (1970 – 2019) (teólogo irlandês), pretende-se “[...] trazer à tona as linhas mestras da obra de Ratzinger, o teólogo. [...] Por isso [...] nada extraímos dos documentos que ele preparou e/ou assinou em seus cargos de Arcebispo, Prefeito e Papa” (BOEVE, 2010, p. 9, tradução nossa).⁷ Depois, complementa: “claramente, vale a pena questionar se essa distinção e, particularmente, a de Prefeito e teólogo, pode ser tão estritamente demarcada” (BOEVE, 2010, p. 9, tradução nossa).⁸ De fato, não é satisfatoriamente claro se a distinção de prefeito-teólogo foi delimitada com precisão quando Ratzinger exerceu a liderança da Congregação para a Doutrina da Fé (BOEVE, 2010, p. 10). O que se percebe é que a carreira de Ratzinger parece ter afetado sua teologia: sendo Arcebispo e Cardeal, ele teve de assumir, com responsabilidade ascendente, a vida pública da Igreja (DULLES, 2007, p. 201). Eis dois exemplos citados por Boeve: a) na entrevista a Messori, Ratzinger falou, pelo menos segundo o Papa João Paulo II, como teólogo e não como prefeito. Nesse texto, a respeito do trabalho de Ratzinger na Congregação, Messori declarou que

quando perguntei a Ratzinger se lhe tinha custado passar da condição de teólogo (ainda mesmo que vigiado por Roma) à de controlador do trabalho dos teólogos, ele não hesitou em responder: “jamais teria aceito esse serviço à Igreja se minha tarefa fosse, antes de tudo, de controle” (MESSORI, 1985, p. 10-11);

b) as reflexões pessoais de Ratzinger sobre a teologia da libertação são outro exemplo. O texto da primeira instrução sobre o tema vazou para a imprensa e foi publicado em *Trenta Giorni* antes de sua promulgação oficial, revelando, deste modo, a posição do Prefeito no documento. Além disso, afirma Boeve:

[...] já indicamos que muitos dos artigos posteriores de Ratzinger tratavam de questões teológicas, mas especialmente de problemas de política eclesial interna, nos quais ele se posicionava com bastante clareza sobre questões específicas. Uma leitura de suas publicações desse período oferece uma visão dos basti-

⁷ Do original: [...] to bring to the fore the main lines of the work of Ratzinger, the theologian. [...] we have drawn nothing from the documents that he prepared and/or signed in his offices as Archbishop, Prefect, and Pope.

⁸ Do original: Clearly, it is worth questioning whether this distinction, and particularly that of Prefect and theologian, can be so strictly demarcated.

dores da dinâmica da política da Igreja e uma visão mais profunda do contexto e da visão geral (BOEVE, 2010, p. 10, tradução nossa).⁹

A conclusão à qual se chega sobre se é plausível afirmar que há condições para que um Bispo, Prefeito e Papa permaneça teólogo, ao mesmo tempo, não é fácil de responder. Segundo Boeve,

[...] as desvantagens são óbvias: sob o pretexto de emitir uma opinião estritamente pessoal, alguns pronunciamentos recebem mais autoridade do que merecem. Por outro lado, as expressões pessoais e teológicas não deixam de oferecer um pano de fundo para como as decisões oficiais romanas e certas posições são tomadas (BOEVE, 2010, p. 11, tradução nossa).¹⁰

4 O Teólogo Ratzinger: depois da eleição ao Papado

A eleição do Cardeal Ratzinger a Papa Bento XVI deu nova atualidade à sua produção intelectual e ao seu pensamento teológico (MADRIGAL TERRAZAS, 2006, p. 127). E ele continuou teólogo após sua eleição a Papa: não há dúvida que o Bento XVI é um dos grandes teólogos no trono de Pedro (MÜLLER, 2012, p. 5), publicando teologia de alta qualidade, sobre variedade de temas (ROWLAND, 2013, p. 19).¹¹ Isto significa que pensar a relação de Ratzinger com a teologia é, de certo modo, pensar na vida dele, pois ele sempre permaneceu teólogo e jamais deixou de lado, por mais diferentes que tenham sido seus encargos eclesiais, sua maneira de proceder de rigor epistemológico (MANZATTO, 2011, p. 103). Desse modo, eis a importante pergunta que o pesquisador deve fazer sobre a relação teológica entre Ratzinger e Bento XVI: quando se reflete a respeito da teologia de Bento XVI, refere-se ao teólogo Ratzinger em seu tempo de trabalho na academia ou ao período em que ele assumiu o Ministério Petrino? No Brasil, trata-se de um impasse interessante, já que ali existe

a publicação de livros de Bento XVI do tempo em que ele não desempenhava seu magistério: essas edições contêm os dois nomes do autor, Joseph Ratzinger e Bento XVI, sendo que, depois de mudar seu nome para assumir o Ministério Petrino, o Papa, na realidade, não é mais identificado por seu nome anterior (MANZATTO, 2011, p. 106). Percebe-se, nesses casos, que o nome de Ratzinger é tão forte na teologia, que ele é preservado. Após ser eleito Papa, Ratzinger demonstra uma preocupação eminentemente pastoral sem, contudo, desinteressar-se por temas especificamente teológicos (MANZATTO, 2011, p. 109). Assim, Bento XVI demonstrou que não falaria somente como teólogo, mas também como pastor que apetece transmitir, acima de tudo, a beleza e a alegria do encontro pessoal com o Cristo (VIGINI, 2012, p. 8). Porém, além de falar como Pastor, Ratzinger continuou a escrever como sempre o fez, publicando vários livros em diferentes ramos da teologia, em vários deles atuando como simples teólogo, sem aplicar neles seu magistério episcopal. Ratzinger sempre foi um teólogo competente e reconhecido em seu talento (MANZATTO, 2011, p. 109).

O fato de Ratzinger continuar teólogo após tornar-se Papa preocupou Ciriaco De Mita (1928–), político que ocupou o cargo de Primeiro-Ministro da Itália. Ele afirmou: "Ratzinger não pode ser Papa, porque o Papa é católico, não teólogo" (MONDA, 2012, p. 11). Sobre esta frase, Andrea Monda (1966–), jornalista e escritor italiano, comentou: "de facto, na bimilenária história da Igreja católica, foram raríssimos os casos de Papas-teólogos" (MONDA, 2012, p. 11). Contudo, os que criticam Bento XVI aplicam a ele um conceito equivocado do que é ser teólogo: seria um "técnico" (em relação ao político), um perito, um douto que, com o seu estudo e as suas teorias, expõe uma visão parcial, pessoal e não universal

⁹ Do original: [...] we have already indicated that many of Ratzinger's later articles dealt with theological issues, but especially with problems of internal ecclesial politics, in which he quite clearly stated his position on specific issues. A perusal of his publications from this period offers a behind-the-scenes insight into the dynamics of Church politics and a deeper insight into the context and the general vision [...].

¹⁰ Do original: The disadvantages are obvious: under the pretext of rendering a strictly personal opinion, a number of pronouncements are given greater authority than they deserve. On the other hand, the personal, theological expressions nonetheless offer a backdrop to how official Roman decisions and certain positions are arrived at.

¹¹ Prefácio.

(isto é, "católica") da doutrina cristã (MONDA, 2012, p. 11). Porém, quando Ratzinger pensa a respeito de seu ofício de teólogo, sua apreensão é bem diferente, já que ele entende que o teólogo não é aquele que mensura o mistério de Deus por sua própria inteligência; antes, é aquele que, cômico de suas limitações, identifica a humildade como o caminho para atingir a verdade: trata-se, assim, do abrir-se do humano à visitação do Todo-Outro, do querer subordinar-se a ele, que é a Verdade, para que se possa viver na verdade (MANZATTO, 2011, p. 110). Blanco Sarto divide a carreira de Ratzinger em: o "teólogo" e o "magistério de Bento XVI". Isto não significa, porém, que no tempo do magistério de Bento XVI, Ratzinger tenha deixado de ser teólogo. Do mesmo modo, enquanto Prefeito, Ratzinger não deixou de enfatizar a relação entre fé e razão:

"mais tarde, como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, Ratzinger insistiu repetidamente na importância do uso da inteligência também para a fé cristã. Pode-se dizer que constitui uma constante em seu pensamento; ele se treinou neste campo por seu trabalho teológico" (BLANCO SARTO, 2005, p. 16, tradução nossa).¹²

É nesta linha de pensamento que se situa esta pesquisa: Ratzinger é sempre teólogo; mesmo com seus cargos na Igreja Católica (inclusive o de Bispo de Roma), ele é sempre teólogo. Caracterizar Bento XVI como um intelectual na Cadeira de Pedro não pode levar a mal-entendidos? Sim. Quando isto ocorre? Quando se ignora aspectos importantes da vida e do pensamento do teólogo alemão, fazendo ilações precipitadas a respeito das motivações de suas ações e do seu pensamento. Bento XVI é mais que um intelectual: o saber e a erudição não são para ele fins em si mesmos, e não cessam em livros profundos e dissertações eruditas. A fé cristã, de acordo com Ratzinger, não é um saber, mas

confiança e alegria (ZABOROWSKI, [20--?], p. 207). Em 1977, Ratzinger escreveu um artigo (o último antes de ser bispo), aprofundando os aspectos antropológicos e relacionais da fé, sem que fossem anunciados a dimensão de conhecimento que a fé possui (BLANCO SARTO, 2005, p. 88). Ratzinger o inicia assim:

A história do cristianismo começa com a palavra *Χαίρε*: Alegre-se! Segundo Lucas, é a primeira palavra proferida pelo anjo que anunciou a Maria o nascimento de Jesus (Lc 1,28). Para Lucas, esta palavra, que inaugura a história de Jesus e, com ela, a história do cristianismo, é uma designação programática abrangente do que o cristianismo é por natureza (RATZINGER, 1987, p. 75, tradução nossa).¹³

5 Temas pesquisados por Ratzinger

Ratzinger pesquisa vários temas. É bem provável que só será descoberto o que é essencial na pesquisa de um indivíduo quando se debruça não somente sobre os temas que constantemente o preocupam, mas também sobre as motivações com que são tratados. Os temas trabalhados por Ratzinger podem ser abordados de muitas maneiras: o que o caracteriza não são necessariamente estes temas, mas a forma como os aborda, tornando-os seus próprios temas na atitude de acolher e de defender, de transmitir e refletir, de seguir e de testemunhar (ZABOROWSKI, [20--?], p. 208). Quais os temas que Ratzinger trabalhou antes de ser eleito Papa? O teólogo católico James Corkery ensina que são abundantes os temas eclesiológicos, como: liturgia, o primado petrino, Eucaristia, a natureza da Igreja, a colegialidade episcopal, o Concílio Vaticano II, o relacionamento entre a Igreja e o mundo, e o ecumenismo. Para Corkery (2009, p. 28, tradução nossa),¹⁴ no pensamento de Ratzinger, "a escatologia é uma grande preocupação. Presentes em sua obra estão todos os temas tradicionais da escatologia

¹² Do original: Más adelante, como prefecto de la Congregación de la Doctrina de la Fe, Ratzinger ha insistido varias veces en la importancia del uso de la inteligencia también para la fe cristiana. Se podría decir que constituye una constante en su pensamiento; él mismo se ha adiestrado en este campo con su trabajo teológico.

¹³ Do original: The history of Christianity begins with the word : Rejoice! According to Luke, it is the first word spoken by the angel who announced to Mary the birth of Jesus (Lk 1:28). For Luke, this word, which inaugurates the history of Jesus and, with it, the history of Christianity, is a comprehensive programmatic designation of what Christianity is by nature.

¹⁴ Do original: Eschatology is a major preoccupation. Present in his work are all the traditional themes of individual eschatology, as well as the theology of history and the relationship between salvation history and metaphysics.

individual, assim como a teologia da história e a relação entre história da salvação e metafísica" A vivência da fé cristã no mundo contemporâneo também é tópico recorrente em sua teologia. A questão a respeito de Deus é constante, sendo ricamente deliberada. Jesus Cristo é o tema-chave nas obras acadêmicas e espirituais de Ratzinger, assim como a criação, salvação e natureza da humanidade. Por fim, conclui Corkery: "questões de moralidade, interpretação bíblica e a relação entre fé e filosofia estão presentes e bem investigadas nas obras dele" (Corkery (2009, p. 28, tradução nossa).¹⁵

Agostinho de Hipona (354–430) demonstra que as pessoas podem interessar-se por investigar um assunto desde a sua juventude. Entre 388 e 395 (ALTANER; STUIBER, 2010, p. 425), Agostinho escreveu a obra *De libero arbitrio*. Conforme registrado nela, Evódio perguntou a Agostinho: "dize-me, entretanto, qual a causa de praticarmos o mal?" (I, 2, 4). Este respondeu: "Ah! Suscitas precisamente uma questão que me atormentou por demais, desde quando era ainda muito jovem" (I, 2, 4). Quando se estuda a literatura de Ratzinger, percebe-se que um dos temas de grande relevância desde a juventude dele é a relação entre fé e razão. O tema indicava sua paixão juvenil pela filosofia (BLANCO SARTO, 2005, p. 57), já que desde seus primeiros passos em teologia, Ratzinger abordará as semelhanças e diferenças entre fé e filosofia (BLANCO SARTO, 2005, p. 58), uma preocupação não apenas antiga, mas também constante ao longo de toda a sua vida acadêmica (ASSUNÇÃO, 2018, p. 145). Umberto Casale, sobre os temas trabalhados por Ratzinger, explicou que ele

[...] concentra sua reflexão no tema da fé (seus fundamentos racionais e históricos, as relações entre fé e razão, e entre filosofia, teologia e

ciência), no *Deus* da revelação bíblica (Deus da fé e Deus dos filósofos; Deus/Agápê; o mistério trinitário), em *Jesus Cristo* morto e ressuscitado para a salvação da humanidade e do cosmos; na *Igreja* como comunidade eucarística e no diálogo intercultural e inter-religioso em escala mundial (RATZINGER, 2011, p. 43, grifo do autor, tradução nossa).¹⁶

Depois, explica que "em sua reflexão teológica, Ratzinger abordou, em diversas ocasiões, um tema que acompanha o cristianismo desde seu início. O pensamento da fé sempre levantou a questão de sua relação com a razão" (RATZINGER, 2011, p. 43, tradução nossa).¹⁷ Rowland escreveu:

[...] embora enfatizando, em suas numerosas palestras dirigidas a plateias de especialistas, que Deus é o *logos* eterno, ou a razão na criação, Ratzinger interessou-se igualmente pelo tema de que Deus é amor, e na relação entre o amor e a fé e entre a fé e a razão. Tem defendido a necessidade que a fé católica tem de considerar ambas as relações [...] (ROWLAND, 2013, p. 23).

Ratzinger, o Papa Bento XVI, realizou em 12 de setembro de 2006, a *lectio magistralis*, um discurso à Universidade de Ratisbona, na visita pastoral à sua nativa Baviera. Não há dúvida de que esse discurso marcou um momento essencial na história universitária não apenas na Alemanha, na qual, mais uma vez, Ratzinger sublinhou a íntima conexão entre fé e razão (MÜLLER, 2012, p. 8). Karl Lehmann (1936–2018), Cardeal católico alemão, ao comentar a abrangência do discurso de Ratisbona dentro do panorama teológico de Ratzinger, afirmou: "o discurso do Papa Bento XVI não foi centrado em torno do Islã, mas em um tema no qual o teólogo Joseph Ratzinger havia abordado desde o início de sua carreira, no ano de 1959: a relação entre fé e razão" (LEHMANN, 2011, p. 157, tradução nossa).¹⁸ Corkery também enfatiza que o tema fé e razão está presente desde o começo da carreira de Ratzinger:

¹⁵ Do original: Questions of morality, biblical interpretation and the relationship between faith and philosophy are all present and well probed in his works.

¹⁶ Do original: Concentra su reflexión en el tema de la fe (sus fundamentos racionales e históricos, las relaciones entre fe y razón, y entre la filosofía, la teología y la ciencia), en el *Dios* de la revelación bíblica (Dios de la fe y Dios de los filósofos; Dios/Agápê; el misterio trinitario), en *Jesucristo* muerto y resucitado para la salvación de la humanidad y del cosmos; en la *Iglesia* como comunidad eucarística, y en el diálogo intercultural e interreligioso a escala mundial.

¹⁷ Do original: En su reflexión teológica, Ratzinger ha abordado, en numerosas ocasiones, un tema que acompaña al cristianismo desde sus comienzos. El pensamiento de la fe ha planteado desde siempre la cuestión de su relación con la razón.

¹⁸ Do original: el discurso del papa Benedicto XVI no estaba centrado en torno al islam, sino sobre un tema en que el teólogo Joseph Ratzinger había abordado desde el principio de su carrera en el año 1959: la relación entre fe y razón.

[...] em 1959, com a idade de 32 anos, Joseph Ratzinger recebeu sua primeira nomeação universitária – como professor de teologia fundamental na Universidade de Bonn. Como tema de sua palestra inaugural, ele escolheu um tema teologicamente fundamental, um tópico ecumenicamente sensível: o Deus da fé e o Deus dos filósofos – uma contribuição ao problema da teologia natural (CORKERY, 2009, p. 30, tradução nossa).¹⁹

Considerações finais

A questão central observada neste artigo foi se Joseph Ratzinger, teólogo antes do papado, continuou com este perfil após ter sido eleito Papa. Pastor ou Teólogo? Qual a postura do Papa Ratzinger? Conforme foi exposto, Ratzinger, após o papado, continuou a unir as duas posturas (Pastor e Teólogo), tendo-as não como uma obrigação, mas como um chamado e um dom. Sendo Pastor, Bento XVI anunciou o mistério cristão de forma humilde e alegre, tornando a mensagem cristã mais próxima de todas as pessoas. Sendo Teólogo, Bento XVI conseguiu apresentar a riqueza da tradição cristã na linguagem do homem comum, tornando-a entendível a todos. O autor deste artigo, de linha reformada (presbiteriana), não pode deixar de perceber em Ratzinger um homem preocupado em apresentar a fé católica, entender outras interpretações a respeito da fé cristã e dialogar com elas em amor e respeito. Também é importante destacar a ênfase bíblica de Ratzinger/Bento XVI. Suas explicações sobre as Escrituras Sagradas são edificantes e conduzem os ouvintes (ou leitores) a reflexões que trazem respostas aos diversos dilemas.

Nessas reflexões, chama a atenção o estilo da comunicação de Ratzinger: um escritor erudito, um homem que tem a clara missão de viver da pesquisa e escrever sobre todos os campos do saber teológico. Pode-se perceber, nas leituras, um autor que fala diretamente com os seus leitores, descendo ao "nível" de cada um e respondendo as suas dúvidas. Quem lê os textos de Ratzinger em seus mais de cinquenta anos como

escritor, percebe que ele permaneceu o mesmo: um homem acessível que se manteve no caminho da fé e na direção do próximo. Ratzinger é marcado, em seu labor teológico, como aquele que ensina o que deve ser instruído, sem bajulações ou ideologias; ele ensina simplificando, porém, sem reduzir o significado da sua mensagem. No início deste artigo foi escrito: um presbiteriano escrevendo sobre Ratzinger. E, agora, a conclusão é: sim, é um privilégio escrever sobre Ratzinger, pois aprende-se muito com ele.

Referências

ABREU, Elza H. de; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). *Teologia da criação e marcos do magistério de Bento XVI: por uma autêntica maturidade eclesial*. São Paulo: Paulinas; UNISAL, 2011. (Coleção: teologia, interdisciplinaridade e sociedade).

AGOSTINHO. *O livre-arbitrio*. Tradução Nair de A. Oliveira. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2004. (Coleção Patrística, n. 8).

ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. *Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*. Tradução Monjas Beneditinas. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Patrologia).

ASSUNÇÃO, Rudy A. de. *Bento XVI, A Igreja Católica e o "Espírito da Modernidade": uma análise da visão do Papa teólogo sobre o "mundo de hoje"*. São Paulo: Paulus; Campinas: Ecclesiae, 2018.

BLANCO SARTO, Pablo. *Joseph Ratzinger – Razón y cristianismo: a victoria de la inteligencia en el mundo de las religiones*. Madrid: Ediciones Rialp, 2005.

BLANCO SARTO, Pablo. *Joseph Ratzinger – uma biografia*. Tradução Emérito da Gama. São Paulo: Quadrante, 2005.

BLANCO SARTO, Pablo. *La teología de Joseph Ratzinger: una introducción*. 2. ed. Madrid: Pelicano; Palabra, 2011.

BOEVE, Lieven. Joseph Ratzinger: his life, thought and work. In: BOEVE, Lieven; MANNION, Gerard (org.). *The Ratzinger reader: mapping a Theological Journey*. New York: T&C Clark International, 2010. p. 1-12.

BOEVE, Lieven; MANNION, Gerard (org.). *The Ratzinger reader: mapping a Theological Journey*. New York: T&C Clark International, 2010.

CASALE, Umberto. ¿Fe y ciencia, una comunicación de saberes? In: RATZINGER, Joseph. *Fe y ciencia: un diálogo necesario*. Cantabria: Sal Terrae, 2011. p. 9-59.

COMMUNIO: *revista internacional de teologia e cultura*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, maio/ago. 2007.

¹⁹ Do original: In 1959, at the young age of 32, Joseph Ratzinger received his first university appointment – as professor of fundamental theology at the University of Bonn. As the subject for his inaugural lecture he chose a theologically foundational, ecumenically sensitive topic: the God of faith and the God of the philosophers – a contribution to the problem of natural theology.

CORKERY, James. *Joseph Ratzinger's theological ideas: wise cautions e legitimate hopes*. Mahwah: Paulist Press, 2009.

COSTA, Paulo Cezar. Agir contra a razão é agir contra Deus. *Communio*: revista internacional de teologia e cultura, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 329-336, maio/ago. 2007.

DULLES, Avery. De Ratzinger a Bento XVI. *Communio*: revista internacional de teologia e cultura, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 189-201, maio/ago. 2007.

MADRIGAL TERRAZAS, Santiago. *Karl Rahner e Joseph Ratzinger no seguimento do Concílio*. Tradução de Germano M. Cleto. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2006.

MANZATTO, Antonio. Bento XVI e a teologia: o lugar da teologia na universidade. In: ABREU, Elza H. de; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). *Teologia da criação e marcos do magistério de Bento XVI*: por uma autêntica maturidade eclesial. São Paulo: Paulinas; UNISAL, 2011. p. 103-119. (Coleção: teologia, interdisciplinaridade e sociedade).

MONDA, Andrea. *Bendita humildade: o estilo simples de Joseph Ratzinger*. Tradução de António M. da Rocha. Prior Velho, 2012.

MÜLLER, Gerhard L. *Ampliare l'orizzonte della ragione: per una lettura di Joseph Ratzinger-Benedetto XVI*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2012.

NICHOLS, Aidan. *From Hermes to Benedict XVI: faith and reason in modern Catholic thought*. Gloucester: Action Publishing Technology, 2009.

PELL, George. Prefácio. In: ROWLAND, Tracey. *A fé de Ratzinger: a teologia do Papa Bento XVI*. Tradução de Carlos P. Alonso. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio"; Campinas: Ecclesiae, 2013. p. 15-19.

RAMOS CENTENO, Vicente. *Pensando con Ratzinger: reflexiones filosóficas a partir del "Jesús de Nazaret"*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2016.

RATZINGER, Joseph. "Introduzione al cristianesimo", ieri, oggi, domani (saggio introduttivo alla nuova edizione 2000). In: RATZINGER, Joseph. *Introduzione al cristianesimo*: lezione sul Simbolo apostolico. Brescia: Queriniana, 2005. p. 7-24.

RATZINGER, Joseph. A "Instrução sobre a vocação do Teólogo na Igreja" (1990). In: RATZINGER, Joseph. *Natureza e missão da teologia*. Tradução de Carlos A. Pereira. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 87-104.

RATZINGER, Joseph. *Credo para hoje*: em que acreditam os cristãos. Tradução de José A. C. Pereira. Braga: Editorial Franciscana, 2012.

RATZINGER, Joseph. Faith as Trust and Joy – Evangelium (1977). In: RATZINGER, Joseph. *Principles of Catholic Theology: building stones for a fundamental theology*. San Francisco: Ignatius, 1987. p. 75-84.

RATZINGER, Joseph. Fé e ateísmo, um casal em crise (julho de 1988). In: RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era neopagã*. Campinas: Ecclesiae, 2016, p. 41-56. (v. III: Entrevistas (1986 - 2003)).

RATZINGER, Joseph. *Fe y ciencia: un diálogo necesario*. Cantabria: Sal Terrae, 2011.

RATZINGER, Joseph. Fé, filosofia e teologia. In: RATZINGER, Joseph. *Natureza e missão da teologia*. Tradução Carlos A. Pereira. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 13-26.

RATZINGER, Joseph. *Introduzione al cristianesimo*: lezione sul Simbolo apostolico. Brescia: Queriniana, 2005.

RATZINGER, Joseph. *Lembranças da minha vida*: autobiografia parcial (1927-1977). Tradução Frederico Stein. São Paulo: Paulinas, 2006.

RATZINGER, Joseph. *Naturaleza y misión de la teología*: ensayos sobre su situación en la discusión contemporánea. Navarra: Ediciones Universidad de Navarra, 2009.

RATZINGER, Joseph. *Natureza e missão da teologia*. Tradução de Carlos A. Pereira. Petrópolis: Vozes, 2008.

RATZINGER, Joseph. O Catecismo num mundo pós-cristão (abril de 2003). In: RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era neopagã*. Campinas: Ecclesiae, 2016. p. 167-173. (v. III: Entrevistas (1986-2003)).

RATZINGER, Joseph. *O sal da terra: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio*. Tradução de Inês M. de Andrade. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

RATZINGER, Joseph. O Senhor escolhe a nossa pobreza (setembro de 2003 - maio de 2005). In: RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era neopagã*. Campinas: Ecclesiae, 2016. p. 175-184. (v. III: Entrevistas (1986-2003)).

RATZINGER, Joseph. *Principles of Catholic Theology: building stones for a fundamental theology*. San Francisco: Ignatius, 1987.

RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era neopagã*. Campinas: Ecclesiae, 2016. (v. III: Entrevistas (1986-2003)).

RATZINGER, Joseph. Um passado que não lhes diz respeito (janeiro de 1994). In: RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era neopagã*. Campinas: Ecclesiae, 2016, p. 87-112. (v. III: Entrevistas (1986-2003)).

RATZINGER, Joseph. What is Theology? In: RATZINGER, Joseph. *Principles of Catholic Theology: building stones for a fundamental theology*. San Francisco: Ignatius, 1987. p. 315-322.

RATZINGER, Joseph; MESSORI, Victor. *A fé em crise: o Cardeal Ratzinger se interroga*. Tradução de Fernando J. Guimarães. São Paulo: EPU, 1985.

ROWLAND, Tracey. *A fé de Ratzinger: a teologia do Papa Bento XVI*. Tradução de Carlos P. Alonso. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio"; Campinas: Ecclesiae, 2013.

VIGINI, Giuliano (org.). *Guia para a leitura da obra de Joseph Ratzinger*. Tradução António M. da Rocha. Parade: Lucerna, 2012.

WICKS, Jared. *Introdução ao método teológico*. Tradução de Nadyr de S. Penteado. São Paulo: Loyola, 1999.

ZABOROWSKI, Holger. O homem perante Deus: fé, esperança, caridade. Tentativa de um perfil teológico de Bento XVI. *In*: RATZINGER, Joseph. *Credo para hoje: em que acreditam os cristãos*. Tradução de José A. C. Pereira. Braga: Editorial Franciscana, [20--?]. p. 207-214.

ZECCA, Alfredo H. Introducción. *In*: RATZINGER, Joseph. *Naturaleza y misión de la teología: ensayos sobre su situación en la discusión contemporánea*. Navarra: Ediciones Universidad de Navarra, 2009. p. 9-16.

Heber Ramos Bertuci

Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (MACKENZIE), em São Paulo, SP, Brasil. Doutorando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil;

Endereço para correspondência

Heber Ramos Bertuci
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de Teologia
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Rua Marquês de São Vicente, 225
Gávea, 22451-900
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.